

Epigramas

de Bocage

I

Pedi pelo amor de Deus
Dez-réis um mendigo a um nobre:
Respondeu-lhe o cavalheiro:
– Que nunca trazia cobre.

Eis por «excelência» o triste
Súplica nova começa;
Enternece-se o fidalgo,
Põe-lhe nas mãos uma peça.

II

Dizem que o Caldas glutão
Em Bocage aferra o dente:
Ora é forte admiração
Ver um cão morder na gente!

III

Concluiu pintor famoso
Um certo retrato humana,
E a taul sequaz de Apoio
O foi mostrar muito ufano.

Para o painel apontado
Lhe disse: «Amigo, que tal?
Deveis gabá-lo, que vós
Conheceis o original.

Foi ditosa a pincelada;
Nunca retratei tão bem,
Nunca pintei como agora!...»
Pergunta o poeta: – «A quem?»

IV

Um chapada, um retumbante
Corifeu de medicina
Certa menina adorava,
E adoeceu-lhe a menina.

Eis para curá-la o chamam,
Pela alta fama que tem
Geme o doutor, e responde:
«Não vou, que lhe quero bem.»

V

Levando um velho avarento
Uma pedrada num olha,
Pôs-se-lhe no mesmo instante
Tamanho como um repolho.

Certo doutor, não das dúzias,
Mas sim médico perfeito,
Dez moedas lhe pedia
Para o livrar do defeito.

«Dez moedas! (diz o avaro)
Meu sangue não desperdiço:
Dez moedas por um olho!
O outro dou eu por isso.»

VI

Lavrou chibante receita
Um doutor com todo o esmero;
Era para certa moça,
Que ficou sã como um pêro.

«Tão cedo! É milagre!» (assenta
A mãe, que de gosto chora).
«Minha mãe, não é milagre,
Deitei o remédio fora.»

VII

Um homem, que toda a vida
Passou fomes por querer,
Coa muita debilidade
Pôs-se em termos de morrer.

Doutor, que de graça o via,
E coa doença atinava,
Ofreceu-lhe uns certos doces,
Para ver se o melhorava.

«Obrigado (eis lhe responde
O enfermo, estendendo a mão)
Dê cá... Bom será guardá-los
Para maior precisão.»

VIII

Estando enfermo um poeta
Foi visitá-lo um doutor,
E em rigorosa dieta
Logo, logo o mandou pôr.

«Regule-se, coma pouco»
Diz-lhe o médico eminente:
«Ai senhor! (acode o louco)
Por isso é que estou doente.»

IX

Com tão má gâmbia andas tanta,
Tanto daqui para ali!
Procurador, não me enganas;
Tu procuras para ti.

X

Dizes que Fileno é tosca,
Mole, feio, e sem-sabor;
Não levas à paciência
Terem-lhe as moças amor:

Nenhum mérito lhe encontras
Por que o devam atender;
Que mais mérito lhe queres?
Agradar é merecer.

XI

Certo enferma, homem sisudo,
Deixou por condescendência
Chamar um doutor, que tinha
Entre os mais a preferência.

Manda-lhe o fofo Esculápio
Que bote a língua de fora,
E envie dez garatujas
À botica sem demora.

«Com isto (diz ao doente)
A sepultura lhe tapo.»
Replica o pobre a tremer:
«Aposto que não escapo.»

XII

«Conheces um certo Albano,
Homem de raro primor?»
(Perguntou Fileno um dia
A Sílvia, grão jogador):

«Oh! (responde-lhe o gatuno
Que aos mais tafuis pede meças)
Eu sou seu Intimo amigo:
Ontem lhe ganhei cem peças.»

XIII

«*In fide parochi* atesto
(Escrevia inchado cura)
Que sofreu Lopo Forçura
Da morte o golpe funesto.

Tal clareza não se achou
Dos óbitos no registo;
Mas atesto-o por ter visto
A receita, que tomou.»

XIV

Um Filósofo enfermou;
Não tinha mal de perigo,
Mas sofreu a medicina
Por agradar a um amigo.

Consentiu que receitasse
Hipocrático impostor,
E logo para um criado
Disse, brando, e sem tremor:

«Não deixes lá na botica
Esse amargo fruto do erro;
Inda tem mais serventia:
Supre os escritores de enterro.»

XV

Arrimado às duas portas
Pingue boticário estava,
E brandamente acenou
A um doutor, que passava.

Mal que chega o bom Galeno
Diz o outro com ar jucundo:
«Unamo-nos, meu doutor,
E demos cabo do mundo!»

XVI

Quis inda fresca viúva
Casar, mas tinha esquecido
No alfarrábio dos enterros
Pôr o enterro do marido.

«Leve este papel ao Cura»
(Lhe aconselha um maganão),
Era excelente receita
Das que importam num milhão.

«Padre (diz ela, entregando
O papel, que se lhe deu),
O meu homem tomou isto...»
Torna o Cura: «Então morreu!»

XVII

Dos óbitos o volume
Consta que um Cura perdeu,
E contou este desastre
A Intimo amigo seu.

De suprir o triste livro
Não pode ocorrer-lhe ideia;
«Ai! (diz o amigo) isso é fácil:
Compre uma farmacopeia.»

XVIII

Bojudo farmacopola,
De cangalhas no nariz,
Lia um papel, dos que a gente
Pregam em vaza-barris.

O papel era receita,
Isto bem se deixa ver:
Eis o algoz dos paladares
A moléstia quis saber.

Soube-a, pouco mais ou menos,
E exclama um tanto impaciente:
«O médico alucinou-se!
Com isto sara o doente!»

XIX

Para curar febres podres
Um doutor se foi chamar,
Que, feitas as cerimónias,
Começou a receitar.

A cada penada sua
O enfermo arrancava um ai.
«Não se assuste (diz o Galeno)
Que inda desta se não vai.»

«Ah senhor! (torna o coitado,
Como quem seu fado espreita)
Da moléstia não me assusta,
Assusto-me da receita.»

XX

Tinha uma dor muito aguda
Um homem. Veio um doutor,
E disse: «Com três regrinhas
O livro já dessa dor.»

Corre a lançar mão da pena,
Eis diz o enfermo a tremer:
«Ai! Nada, senhor doutor:
Antes penar, que morrer.»

XXI

«Ante mim não vales nada
(Disse a Morte à Medicina);
Eu de tudo quanto existe
Sou a fatal assassina.»

«Ui! (a mãe dos aforismos
Responde à Parca amarela)
Olha a tola! Eu sou o mesma,
Mas com mais método que ela.»

XXII

Certo Averróis quis no prelo
Ver seus aforismos juntos:
Pôs-lhe o editor singelo:
«Arte de fazer defuntos.»

XXIII

A morte era uma idiota
Antes de aforismos ter;
Mas depois que há medicina
Já sabe ler, e escrever.

XXIV

Disse um Avicena ao ver
Certo doente: «E confusa
Esta moléstia; portanto
A maligna se reduza.»

Eis a mão facinorosa
Lavra potente receita,
Que anónima enfermidade
Torna em maligna perfeita.

Coa pronta metamorfose
O infesto doutor se alegra,
E diz sorrindo-se: «Agora
Se matar, mato com regra!»

XXV

Disse um dia o Fado à Morte
Que chuchasse em tal doutor,
Que punha em cada receita
Ao menos um estupor.

«Não ousa (responde a Parca)
A teu mando obedecer:
Se com médicos se mete,
'Té pode a Morte morrer.»

XXVI

Inda novel demandista
Um letrado consultou,
Que, depois de cem perguntas,
Tal resposta lhe tornou:

«Em Cujácios, em Menóquios,
Em Pegas, e Ordenação,
Em reinícolas, e estranhos
Tem carradas de razão.

Sim, sim, por toda essa estante
Tem razão, razão de mais.»
«Ah senhor! (o homem replica)
Tê-la-ei nos tribunais?»

XXVII

Um médico receitou;
Súbito o récipe veio,
Do qual no bucho do enfermo
Logo embutiu copo e meio.

«Adeus até amanhã...
(Diz o fofo professor)
Responde o doente: – «Adeus
Para sempre, meu doutor!»

XXVIII

Uma destas, que adoecem
Porque um mosquito as mordeu,
Disse para um seu criado:
«Chamem-me o doutor Sandeu.»

Eis o Hipócrates, que abonam
Honrosos cabelos brancos,
E eis subitamente da dama
Aos soluços, e aos arrancos.

Donde lhe veio este excesso
Na hipocrática presença?
De estar doente de veras:
E era o médico a doença.

XXIX

Um velho caiu na cama:
Tinha um filho Esculapino,
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino.

O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai:
Diz-lhe o velho, suspirando:
«Repara que sou teu pai!»

XXX

Sempre é teima de viver
A que tem Célio caduco!
Não sei que moléstia possa
Chuchar-lhe da vida o suco.

Tinha uma chaga no bofe:
O bofe sem chaga está;
Um aneurisma no peito:
Vestígios dele não há.

De lhe cerrarem três fontes
Nenhum dano resultou:
Isto ainda não é nada
'Té duma junta escapou!

XXXI

Quíron foi médico insigne,
Segundo nos livros acho;
Porém cavalo o descrevem
Da cintura para baixo.

Doutor, em nada o semelhas;
Ele foi besta nos pés,
Nas ancas, nas mãos, e costado:
Tu só na cabeça o és.

XXXII

«Fábio, o meu dilecto amigo
(Dizia Alfeu consternado),
Dos médicos mais insignes
Está já desamparado.»

«Oh! (sai dali um sujeito,
De circumspecta presença)
Feliz, se o desamparassem
No princípio da doença!»

XXXIII

Grátis pesega o verdugo
No pescoço ao laça, ou corte;
O espadachim mata grátis;
O médico vende a morte.

XXXIV

Um homem rico, outro pobre
Grave moléstia prostrou.
Qual deles morreu? O rico,
Que mais remédios tomou.

XXXV

Um médico, ressentido
De certo seu ofensor,
Ante um amigo exclama,
Todo abrasado em furor:

«Para punir este indigno,
Este vil tomara um raio.»
Acode o outro: – «Há um meio
Muito mais fácil: curai-o!»

XXXVI

A Morte um dia enjoou-se
Dum nome, que se abomina;
Quis o azedume adoçar-lhe,
E crismou-se em Medicina.

XXXVII

Quanto és, Dido, desgraçada
Com dois maridos no mundo!
Foges, morrendo o primeiro,
Morres, fugindo o segundo.

XXXVIII

Um médico, antiga peste
Do triste género humano,
De costumado a enganar-se
Pôde acertar por engano.

Fez uma receita idónea,
Apesar do formulário;
Mas o que ao médico escapa
Lá vai ter ao boticário.

XXXIX

Disse a Morte ao ver entrar
Milhões de almas nos abismos:
«Bravo! Bravo! Que colheita!
Muito devo aos aforismos!»

XL

A Morte, perdendo a fouce,
Creu sua força desfeita.
Disse-lhe um médico insigne:
«Aqui tens esta receita!»

XLI

Compôs para leve andaço
Um doutor, doutor fatal,
Famosa receita, onde era
A menor dose mortal.

Indo depois à botica,
Desta sorte o dono o investe:
«Receite a todos o mesmo,
Meu doutor, e temos peste!»

XLII

Um escrivão fez um roubo;
Diz-lhe o juiz: «Que razão
Teve para fazer isto?»
Responde: – «Ser escrivão.»

XLIII

Trouxe-se à pobre doente

Um récipe singular.

Morreu do récipe? Não:

Só da tenção de o tomar.

XLIV

A um enfronhado em poeta

Longe estás de ser pateta,
Flávio, tens várias noções,
Entendes bem a Selecta,
Lês, estudas, e compões;
Por um triz não és poeta!

XLV

Epitáfio

Aqui jaz um escrivão,
Que já na provecta idade
Tomou o hábito de frade;
Só merecia o cordão.
Deus tenha dele piedade!

XLVI

Podre vítima de Vénus,
Metáfora da existência,
Fiou-se de um boticário,
Homem de sã consciência.

Tinha o pustuloso enfermo
Uma gâmbia retorcida,
Que para a parte de fora
Como que enxotava a vida.

Tenaz emplastro lhe estende
A farmacopola mão,
Com que dê nome à botica,
Dando cabo do aleijão.

«Deixe estar (diz o mestraço)
Que isto logo, logo abranda.»
Que sucedeu! Pôr-lhe a perna
Torta para a outra banda!

XLVII

Epitáfio

Aqui jaz um homem rico
Nesta rica sepultura:
Escapava da moléstia,
Se não morresse da cura.

XLVIII

Lê-se numa sepultura
De antiguidade Afonsina,
«Aqui jaz quem não jazera
Se jazesse a medicina.»

XLIX

Empobreceu todo o bairro
Fábio com pena, e cordão;
Foi quatro meses letrado,
Quinze dias escrivão.

L

Um doutor, acometido
Das chufas de um boticário
(Que não sei por que motivo
Se lhe quis mostrar contrário)

Disse-lhe: «Inda que nós ambos
Somos dos humanos mágoa,
Mais do que eu faço com tinta
Faz sua mercê com água.»

LI

Bernardo envolto em lemiste
Insulsas nébias recita,
Ao riso ninguém resiste;
E o vate funéreo grita.
«Não riam, que é coisa triste!»

LII

Rechonchudo franciscano
Desenrolava um sermão;
E defronte por acaso
Lhe ficara um beberão.

Tratava dos bens celestes,
Proferindo: «Ouvintes meus,
Que ditas, que imensa glória
Para os justos guarda um Deus!

Falsos, momentâneos gostos
Há neste mundo mesquinho:
Mas no Céu há bens sem conto...»
Pergunta o bêbado: – «É vinho?»

LIII

Um procurador de causas
Tinha na dextra de harpia
Nojenta, incurável chaga,
Que até ossos lhe roía.

Exclama um taful ao vê-lo:
«Que pena de talião!
Quem com a mão roeu tanto
Ficou roído na mão.»

LIV

Uma terra dizem que há,
Onde a fome acerba e dura,
Cabo dos médicos dá:
Porque é isto? É porque lá
Pagam somente a quem cura.

LV

A um enfatuado em nobreza

Conferes nas senhorias,
Fofa Alceu, mais fofos bens;
E fazes nisso um milagre,
Porque dás o que não tens.

LVI

À estanqueira do Loreto, célebre pelo seu grandíssimo nariz

Atribuídos a Bocage

Examina-se um planeta
Com telescópio de cá:
Ver-se-ia a cara da Helena
Sem telescópio de lá.

«Salve-se! (diz o Diabo)
Nas masmorras infernais
Se eu hospedasse essa cara,
Onde acomodar as mais?»

Salvo-te (diz Deus ao Demo)
Das masmorras infernais,
Se meteres esta cara
Onde acomodas as mais.

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continua!...
Todas estas caras juntas
Não são tanto como a tua.

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continua!...
Que revolução é esta?
Anda pela Terra a Lua?

A estanqueira tem marido,
Que quando deitar-se intenta,
Como não cabe na cama
Dorme dentro de uma venta.

A cara da estanqueira
Por um milhão a comprara.;
Se fosse cara de açúcar,
Um milhão, não era cara!

Disse-lhe um sério taful
Que tabaco lhe comprara
«A sua loja é pequena.;
Porque não vende na cara?»

Disse-lhe certo estrangeiro
Que ajunta papéis com massas:
«Quero pôr a sua cara

Nesta loja de caraças!»

São nádegas, ou bochechas?
Arrenego do Diabo!
Tem a cabeça no chão,
E sobre o balcão o r...

Domingo dois do corrente
Se faz pela vez primeira
O brinco dos cavalinhos
Sobre a testa da estanqueira.

Dizem os da Encarnação:
– Que em morrendo a estanqueira
Faz-se a obra, e o cemitério,
Tudo dentro da caveira.

Deu a estanqueira um espirro
Gritam os vizinhos seus,
Julgando ser terremoto:
«Misericórdia, meu Deus!»

Quer vinhos? Não tem que errar,
Treppe por esses focinhos,
Bata nas ventas, que dentro
Tem dois armazéns de vinhos.

Nariz, nariz e nariz,
Nariz, que nunca se acaba,
Nariz, que se ele desaba
Fará o mundo infeliz;
Nariz, que Newton não quis
Descrever-lhe a diagonal.;
Nariz de massa infernal
Que, se o cálculo não erra,
Posto entre o Sol e a Terra
Faria eclipse total!

LVII

Oitava improvisada

Ouviu do Rei dos reis a vos sagrada
Da lusa monarquia o rei primeiro;
E aos duros golpes da tremenda espada
Fez que mordesse a terra Ismar guerreiro;
Alta promessa pelo númen dada
Manterá Portugal feliz, e inteiro;
Voai à guerra, à glória, ilustre gente!
Um Deus vos chama sua, um Deus não mente.

LVIII

Oh, Morte! Para que venças,
E sorvas em teus abismos
Doutor de grandes sentenças,
São necessárias doenças
Piores que os aforismos.

LIX

«A este sepulcro vim,
Eu, das existências corte
(Dizia um letreiro assim),
Fui médico, e foi meu fim
Estratagem da Morte.»

LX

Cansado de dissabores
Morre-se aqui sem tristeza;
Dormir coberto de flores
No seio da Natureza,
Doura, ó Morte, os teus pavores!

LXI

Um médico, que se ria
Do pouco que Adão durou,
Por engano em certo dia
Um seu récipe tomou;
Quando não, nunca morria!

LXII

Perguntando-lhe um amigo se tinha vontade de comer alguma coisa

Se alguma palavra digo,
E o hálito à boca puxo,
Sobem-me as tripas e o bucho
A escutar se mastigo.

LXIII

Disse, em ar de novidade
Lélio que a rugosa Elvira
Sofrera longa moléstia,
De que a bem custo surgira.

«Creio: o seu médico é bom»
(Proferiu grave pessoa).
Acode um taful: «E eu sinto
Que a moléstia é que foi boa.»

LXIV

No mundo há glória suprema!
(Roncava Euclídico autor.)
«Qual é?» (diz taful de gema).
«Qual é! (torna o cismador)
É resolver um problema.»

LXV

Um geómetra zombou
Ao ver que amante infeliz
Por linda moça expirou;
Mas ao sábio o que o matou?
Não dar co valor dum xis.

LXVI

Da feia mulher Andrónio
Com zelos arde, e rebenta;
Nisto o não julgo bolónio:
A mulher é um demónio,
Porém o demónio tenta.

LXVII

A um dorido de dentes que a conselho de um fármaco perdeu os que tinha

Do Meirel formas querela,
Porque os dentes te dispensa.;
Não tos tirou por doença,
Tirou-tos só por cautela,
Bem atalha quem bem pensa.

LXVIII

A um mau médico

Doutor, até do hospital
Te sacode enfermo bando:
Qual será disto a causal?
É porque em tu receitando
Qualquer doença é mortal.

LXIX

Se o Padre-Santo tivera
Um pé tão largo e tão mau,
Podia mesmo de Roma
Dar beija-pé em Macau.

LXX

Definição do Ouro

Faço a paz, sustento a guerra,
Agrado a doutos e a rudes,
Gero vícios e virtudes,
Torço as leis, domino a Terra.

LXXI

Imitado de D'Anchet

Um tempo breve, urgente
As rosas têm somente
Para ostentarem belas
O seu aroma e cor:
Para agradar como elas
Tem um só tempo Amor.

LXXII

Homem de génio impaciente,
Tendo uma dor infernal
Pedia para matar-se
Um veneno, ou um punhal.

«Não há (lhe disse um vizinho
Velho, que pensava bem)
Não há punhal nem veneno;
Mas o médico aí vem.»

LXXIII

De que é só de seu marido
Laura tem reputação:
Este mérito subido
A quem o deve? Eu duvido
Se à cara, se ao coração.

LXXIV

«Morte! (clama um doente)
Este mísero socorre.»
Surge a Parra de repente,
E diz de longe: – «Recorre
Ao teu médico assistente.»

LXXV

A Morte foi sensual
Quando ainda era menina:
Co' pecado original
Teve cópula carnal
E pariu a Medicina.

LXXVI

A Morte se enfastiou
De surgir do Orco profundo,
Exclamando: «Não estou
Para tornar mais ao mundo!»
Disse um médico: – «Eu lá vou.»

LXXVII

Consta que um médico fora
Inventor da guilhotina:
Deu bem rapidez à morte!
Mostrou saber medicina.

LXXVIII

Pôs-se médico eminente
Em voz alta a receitar:
«Récipe...» (diz) – De repente
Grita da cama o doente:
«Basta, que mais é matar!»

LXXIX

Elmiro envolto em lemiste
Insulas nébias recita;
Ao riso ninguém resiste;
E o vate funéreo grita:
«Não riam, que é cousa triste!»

LXXX

A um barbeiro mui vagaroso

Imitando o do L.º VII, 67, de Marcial

Barbeiro demorador,
Não me pilhas outra vez;
Mal haja o pai que te fez:
Devera ser malfeitor.

Com a barba em sangue, em fogo,
Tanto tempo aqui sentado,
Que outra nova tem brotado:
Mal que a rapas, cresce logo.

EPIGRAMAS TRADUZIDOS

I

De Monsieur Perrault

Amor é um menino
Tão velho como o Mundo,
Dos Deuses o maior e o mais pequeno.
De seu fogo divino
Ocupa o Céu sereno,
O largo mar profundo,
A populosa Terra,
E nos olhos contudo íris o encerra.

II

De Monsieur Rabutin, a umas rosas que uma dama tinha ao peito

Rosas, oh, como um coração que adora
Vos conhece o valor, vos crê felizes!
Nasceis no seio da benigna Flora,
Morreis no seio da benigna Lises.

III

De Monsieur Bois-Robert

Quê! De tão tenra idade nos verdores
Ninguém te pode ouvir, mimosa Isbela,
Nem ver teus olhos sem morrer de amores!
Ah! Fosses mais crescida, ou menos bela:
Para causares as feridas nossas,
Espera o tempo em que sará-las possas.

IV

De Madame Bernard

Quando o velho Damon me diz que emprega
Amor tiro mortal no peito humano
Sem que ele ouse clamar contra o tirano;
Quando me diz que Amor engana e cega;
Que às lágrimas, que aos ais é insensível;
Então não me parece Amor terrível.
Mas quando o moço Alfeu me diz, sorrindo,
Que Amor é meigo deus, menino amável,
Mais que as flores mimoso, alegre e lindo,
Quanto então me parece formidável!

V

De Madame Scudéry

A corrente, que beija aquela areia,
Esta rosa, que ao Zéfiro abre o seio,
A viração, que as árvores meneia,
Nos dizem que é o amor doce recreio.

A pura chama igual dum par constante
Em dobro o faz feliz, o faz contente:
Tem uma alma, não mais, o indiferente;
Duas almas encerra um peito amante.

VI

De Monsieur Dufresny

De ciúmes Anfriso envenenado
À bela Nise um dia
«Entrega-me (dizia)
A fita que te hei dado,
Entrega-me o meu cão e o meu cajado.»
Ela, para aplacar-lhe os vãos furores,
Meiga lhe respondeu: «Sobre estas flores,
Mais terno que sisudo,
Sem respeitar-me a candidez e o pejo,
Também me deste um beijo:
Não quero nada teu, recebe tudo.»

VII

Tradução de um epigrama de Alciato

Os teus melhores princípios
Convertes em vitupério;
E profanas, e envileces
O teu próprio ministério.

Tu, Elmiro, és como as cabras,
Que, no tarro escouceando,
Perdem as próprias riquezas,
Seu mesmo leite entornando.

VIII

Tradução de Ausónio

Quanto és, Dido, desgraçada
Com dois maridos no mundo!
Foges, morrendo o primeiro;
Morres, fugindo o segundo.

IX

Traduzido de Marcial

Se me lembro, Élia, tiveste
De belos dentes a posse:
Numa tosse dois se foram,
Foram-se dois noutra tosse.

Segura noites, e dias
Podes tossir a fartar;
Podes, que tosse terceira
Já não tem que te levar.

X

Traduzido

Mordeu uma serpe Aurélia
Que pensais que resultou?
Que Aurélia morreu? História:
A serpente é que estourou.

XI

Traduzido

Vénus ao parto vizinha
As Parcas foi consultar,
Para conhecer que fruto
Seu ventre havia brotar.

Uma resposta – Que um seixo;
Outra – Que um tigre traidor;
Terceira – Que fogo; – E tudo
Confirmou nascendo Amor.

DIÁLOGOS

I

ALCEU

Perdoa, tu tens, Elmano,
Um defeito entre diversos,
Que cheira muito a doidice.

ELMANO

Sim? Qual é?

ALCEU

Fazeres versos.

ELMANO

Oh! Pois tu também tens outro,
E folgara de o não teres,
Que está mui perto da asneira.

ALCEU

Eu! Qual é?

ELMANO

Não os fazeres.

II

CORIDON

Elmano, lê-me os teus versos.

ELMANO

Melhor sorte me dê Deus!
Tremo disso.

CORIDON

E porque tremes?

ELMANO

Porque podes ler-me os teus.

III

A.

Que vem do chefe dos Matas
Sustenta o doutor Maleitas,
E com mil papéis o prova.

B.

Com que papéis?

A.

Com receitas.

IV

A.

Laura divertiu-se muito
Numa função menos má.

B.

Qual foi o divertimento?

A.

Não ter o marido lá.

V

Tirado de Owen

P.

O que é mais leve do que o ar?

R.

O fumo.

P.

O que é mais leve do que o fumo?

R.

O vento.

P.

E que o vento?

R.

A mulher.

P.

Que a mulher?

R.

Nada.

VI

A.

Vai curar o doutor Campa
Sua futura consorte.

B.

Já se não diz quando casam?

A.

Recebe-a à hora da morte.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000-2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
